



O papa de todas as fés

Novo papa deve manter o espírito reformador

Ao CB.Poder, dom Raymundo Damasceno frisa que legado de Francisco, de uma "Igreja em saída", não tem que retroceder

» FERNANDA GHAZALI*

Novo papa tem tudo para manter o espírito reformador da Igreja Católica Apostólica Romana — de acolhimento e de diálogo, marcas do pontificado de Francisco. É o que estima o cardeal arcebispo emérito de Aparecida, dom Raymundo Damasceno Assis, que em entrevista, ontem, ao CB.Poder — uma parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília —, frisou que as mudanças promovidas por Francisco não têm como retroceder.

"A Igreja está a serviço do mundo e das pessoas, não o mundo a serviço da Igreja. Não há como regredir. A linha do papa Francisco é inspiradora. É um processo que se iniciou, mas não se chegou a uma conclusão, e que, certamente, o outro papa levará à frente. Cada um tem suas características, mas deve-se prosseguir", lembrou dom Damasceno, na conversa com as jornalistas Denise Rothenburg e Edla Lula.

Para o cardeal, o maior legado do papa recém-falecido está na construção de uma Igreja missionária, uma "Igreja em saída", que vai até à população, está aberta ao diálogo com as periferias e

com as pessoas excluídas socialmente. Uma instituição secular que procura, até mesmo, com líderes de outras religiões.

"Ele (Francisco) comparava a Igreja com um hospital de campanha, que acolhe os feridos, os excluídos", disse o religioso.

Encíclicas

Dom Damasceno enfatizou que o legado do papa tem como pilares as encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, que abordam, respectivamente, o cuidado com o meio ambiente e a fraternidade entre os povos. Para concretizar aquilo que propunha, Francisco reformou a estrutura da Igreja por meio dos sínodos — assembleias periódicas em que se discutem assuntos considerados de fundamental importância para a instituição.

"É uma partilha muito maior justamente em função da palavra sínodo: caminhar juntos. O que é a Igreja? A Igreja é o povo de Deus", explicou dom Damasceno, acrescentando que a participação, até então inédita, de leigos, mulheres e representantes de outras religiões, foi fundamental para a construção dessa Igreja do acolhimento deixada por Francisco.

Dom Damasceno não arrisca

Bruna Gaston/CB/D.A Press



previsões sobre de onde virá o próximo papa, nem antecipa que tipo de perfil terá. Mas lembrou que embora os cardeais italianos ainda sejam maioria, não têm os dois terços necessários para eleger o pontífice.

Na entrevista, dom Damasceno destacou a profunda relação entre Francisco e o Brasil, especialmente durante a Conferência

de Aparecida, em 2007. À época, ainda como cardeal Jorge Mario Bergoglio, Francisco presidiu a comissão de redação do documento final do encontro, texto que, segundo dom Damasceno, serviu de base para o programa de governo do pontífice.

"O primeiro documento do papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, está todo inspirado em

Aparecida. É um documento programático", afirmou o cardeal.

A Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho de 2007, realizada no Santuário Nacional de Aparecida, reuniu cerca de 200 bispos do continente. Segundo dom Damasceno, Francisco demonstrava dedicação e simplicidade — trabalhava



A linha do papa Francisco é inspiradora. É um processo que se iniciou, mas não se chegou a uma conclusão, e que, certamente, o outro papa levará à frente. Cada um tem suas características, mas deve-se prosseguir"

Dom Raymundo Damasceno Assis, cardeal arcebispo emérito de Aparecida

até tarde, pedia refeições leves e se mostrava atencioso com todos.

"Ele era o último a chegar no hotel, por volta das 11h da noite, e só pedia uma sopa. No jantar de despedida dos bispos argentinos, estava me esperando na porta", lembrou.

» **Leia mais na página 9**

VIOLÊNCIA

Livro disseca chacinas no Pará e na Bahia em 2017

» IAGO MAC CORD*

As chacinas de Pau D'Arco, no sul do Pará — que deixou 10 mortos —, e do Quilombo de Iúna, em Lençóis (BA) — quando sete morreram —, são o tema do livro *Chacinas e conflitos agrários: os casos de Pau D'Arco e do Quilombo de Iúna*, que será

lançado hoje, na Câmara dos Deputados. A publicação, por meio da abordagem dos dois episódios de violência no campo, traça um panorama dos conflitos agrários no Brasil.

Segundo a Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, o livro faz parte da manifestações ligadas ao Abril Vermelho, uma

mobilização anual do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) em memória das famílias das pessoas mortas no massacre de Eldorado de Carajás, no Pará, em 1996. "Levar os movimentos sociais à Câmara dos Deputados é reafirmar que a política deve servir ao povo e que justiça social só se faz com a presença ativa dos sujeitos históricos da transformação. Pretendemos sair do campo da denúncia e levar para saídas concretas", frisam Paulo Ramos, idealizador da coleção *Chacinas e*

política das mortes: estudo de casos, e Sofia Toledo, coordenadora da pesquisa.

Em 2017, ano em que ocorreram as duas chacinas, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) registrou 72 assassinatos relacionados a 1.524 conflitos no campo. Nos anos seguintes, apesar dos homicídios terem diminuído, o número de conflitos registrados aumentou até 2023.

Dados parciais referentes ao primeiro semestre de 2024 apontam que, só neste período, foram registrados 1.056 conflitos

no campo — menos do que o registrado no primeiro semestre do ano anterior (1.127). Mas, mesmo assim, houve 417 vítimas de violência em 216 ocorrências.

Enquanto o livro estiver sendo lançado na Câmara, a CPT lançará o caderno referente aos dados gerais de 2024 sobre a violência no campo, na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), também em Brasília.

A chacina de Pau D'Arco aconteceu em 24 de maio de 2017. Dois policiais civis e 14 militares paraenses executaram uma

mulher e nove homens, todos trabalhadores rurais sem-terra no município. O massacre é o maior crime no campo cometido em quase 30 anos.

Menos de três meses depois, sete lideranças quilombolas foram assassinadas no Quilombo de Iúna, na Chapada Diamantina, entre julho e agosto. Por conta desses assassinatos, a Bahia registrou, naquele ano, 70% dos assassinatos de quilombolas em todo o país.

***Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi**



ALEXANDRE GARCIA

A JUSTIÇA, COM PROVAS, CONDENOU O CASAL (OLLANTA HUMALA E NADINE HERÉDIA) A 15 ANOS POR LAVAGEM DE DINHEIRO. MAS O PRESIDENTE DO BRASIL CONTINUOU GENEROSO E ELA GANHOU ASILO NA EMBAIXADA

Lava-Jato vive

A Secretaria de Comunicação da Presidência da República apressou-se em redigir uma nota, em meio à celeuma levantada pelo asilo a uma corrupta, sugerindo que é "improcedente" qualquer relação entre a Operação Lava-Jato brasileira e a decisão de livrar a ex-primeira-dama peruana, Nadine Herédia, da prisão a que foi condenada no dia em que se refugiou na embaixada brasileira. Não adiantou muito. As redes sociais já repetiam no Brasil a manchete do jornal peruano *Diario Trome*: "Corruptos se protegem".

A Transparência Internacional também foi contundente: "Ao acolher pessoa condenada

por corrupção, o Brasil envia um sinal preocupante de tolerância com práticas ilícitas que corroem as instituições democráticas e prejudicam o desenvolvimento de países sul-americanos". A Transparência tem sede na Alemanha e, por isso, não sabe, como nós, que tolerância com o ilícito é um mal a que já nos acostumamos e, ironicamente, toleramos.

Pelo depoimento que se leu em *O Globo* e se ouviu na Globo News, da jornalista Malu Gaspar, foi o ex-ministro Antonio Palocci que ajudou e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva que pediu a Marcelo Odebrecht os pagamentos de

milhões a Ollanta Humala, que se elegeu presidente com dinheiro ilícito. A entrega era feita em mochilas com US\$ 200 mil a US\$ 300 mil num apartamento padrão Geddel, no bairro de Miraflores, em Lima, e recebido por Nadine, que hoje está asilada no Brasil. Ela despejava as notas num armário.

A Justiça, com provas, condenou o casal a 15 anos por lavagem de dinheiro. Mas o presidente do Brasil continuou generoso e ela ganhou asilo na embaixada e, depois, um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) para vir ao Brasil sem perigo de receber vaias num voo comercial para Guarulhos.

A generosidade de Lula acabou por levantar o óbvio: se uma similar da Lava-Jato funciona no Peru para condenar quatro ex-presidentes e uma candidata a presidente, por que não funciona no Brasil? Aqui, alegaram CEP errado e julgaram que o ex-juiz e hoje senador Sergio Moro e o promotor e ex-deputado Deltan Dallagnol exageraram, mas a materialidade dos crimes continua incólume. Confissões, acordos, devoluções, provas — nada deixou de existir.

Os depoimentos que incriminaram os presidentes peruanos são os mesmos que citam autoridades brasileiras, assim como os acordos assinados. No

entanto, o ministro Dias Toffoli anulou provas e cancelou devoluções. O ministro Gilmar Mendes se orgulha de ter acabado com a Lava-Jato e a chamou de criminosa.

No Peru tem sido o inverso: os criminosos é que são os criminosos. E vão para a cadeia — se não forem acolhidos pelo governo brasileiro. Aqui, o PT divulgou nota de "integral solidariedade" a Lula, que foi solidário com Nadine.

O presidente do Congresso peruano, Eduardo Salhuana, cancelou visita oficial ao Brasil, por recomendação do Ministério de Relações Exteriores de lá. Pegou mal para o governo bra-

sileiro reagir a uma decisão da Justiça peruana envolvendo crime comum.

Sobra a curiosidade: o que teria levado Lula a conceder esse estranho asilo, turbinado por avião da FAB decolando de madrugada? Apenas generosidade com espírito pascal? A Comissão de Relações Exteriores da Câmara vai decidir se chama o chanceler Mauro Vieira para tirar essas dúvidas.

O depoimento da jornalista Malu Gaspar revela que Nadine é quem mandava na campanha do marido. E que ela sabia de tudo. Teria ela poder de ressuscitar a Lava-jato no Brasil, também dentro do espírito pascal?